

SÃO PAULO 92, A VITÓRIA DA DIREITA

O PT pensa que é progressista. Ele, na verdade, assume o papel de esquerda; por que você, dialeticamente, não pode assumir o papel de direita? Se eles pretendem ser de esquerda, por que nós não podemos ser, de verdade, de direita?
(Delfim Netto, *Folha de S. Paulo*, 22.11.92)

Antônio Flávio Pierucci
Marcelo Coutinho de Lima

RESUMO

Analisando os resultados da eleição para a prefeitura da cidade de São Paulo em 1992 e comparando-os com os das eleições anteriores, os autores observam que a expansão do voto malufista e a viabilidade eleitoral do PT têm modificado o perfil do eleitorado de direita na capital em relação ao padrão verificado ao longo da década de 80. As maiores taxas de voto malufista se encontram hoje nos bairros mais ricos de São Paulo, o que relembra a curva devotação da Arena nos anos 70.

Palavras-chave: eleições; São Paulo; voto de direita.

SUMMARY

In analyzing the results of the mayoral election in the city of São Paulo for 1992 and comparing them to previous elections, the authors note that the expansion of both the pro-Maluf vote and the electoral feasibility of the PT (Workers' Party) have changed the profile of the right wing electorate in this city, in relation to the patterns observed throughout the 1980s. The greatest concentrations of pro-Maluf votes today are to be found in São Paulo's wealthiest neighborhoods, which is remindful of the pro-Arena voting curve during the 1970s.

Keywords: São Paulo; elections; right wing electorate.

A direita explícita venceu a eleição de 1992 para a prefeitura da maior metrópole brasileira. Na verdade, na eleição de 1990 para o governo do estado, as urnas já lhe haviam dado o primeiro lugar na capital. Esta revista, no início de 1991, chamou enfaticamente a atenção para o fato, bem como para as mudanças que a expansão do malufismo operava no perfil eleitoral da direita na cidade de São Paulo¹. Nossa intenção agora, neste brevíssimo artigo, é mostrar que nestes dez anos de pluripartidarismo o voto de direita na cidade foi, voltou, foi, voltou... e acabou por se encaixar de novo em seu velho molde, por reencontrar os traços submersos do antigo desenho. Como um quadro envelhecido que, tendo sofrido um dia o processo de *pentimento*², com o passar do tempo ficasse transparente e viesse a desvendar as linhas originais, das quais o pintor se "arrependera". *Pentimento*.

Os autores agradecem ao deputado Pedro Dallari o auxílio na obtenção dos resultados eleitorais por urna.

(1) Ver Pierucci, Antônio Flávio e Lima, Marcelo Coutinho de. "A direita que flutua. O voto conservador na eleição de 1990 em São Paulo". *Novos Estudos* n° 29, março 1991, pp. 10 - 27.

Em 1982, na primeira eleição pluripartidária na fase de distensão do regime autoritário, o PDS, ex-Arena, ficou em terceiro lugar na disputa para a sucessão do governo do estado, cargo ocupado bionicamente por Paulo Maluf, preposto da ditadura. O candidato do PDS era o malufista Reynaldo de Barros, ex-prefeito também biônico da capital. Conseguiu 17,4% do total de votos na cidade, enquanto um segmento maior do eleitorado conservador votava em Jânio Quadros (20,6%).

Em 1992, o candidato do PDS venceria por larga margem os dois turnos da eleição para prefeito de São Paulo. Foi a consagração eleitoral de uma personalidade política de porte nacional, a recuperação de uma velha e insistente liderança. O que mostra, mais uma vez, para quem quer ver, e ver de novo, a escalada das forças sociais conservadoras no tecido metropolitano e a ressurreição de um velho partido que, até aqui, parecia irremediavelmente ruim de voto. No raiar dos anos 90, a capital paulista relança o PDS.

Depois de quatro anos governada pela esquerda petista representada na pessoa de uma migrante da Paraíba, a maior metrópole do Brasil quis o retorno ao poder de um paulistano de direita, um líder dos anos de chumbo que permaneceu fiel ao mais originariamente direitista dos atuais partidos brasileiros. Maluf colheu em 1992 uma vitória largamente prognosticada por todas as prévias e todos os especialistas como líquida e certa. E folgada³. Por um triz não leva já no primeiro, ao conseguir 37,3% do total de votos (48,8% dos válidos). Foi eleito com 52,2% dos votos dados no segundo turno (58% dos válidos), enterrando a blague de Lula no último debate da campanha presidencial: "O Maluf é competente porque compete, compete e não ganha nunca".

Com um bem-sucedido trabalho de marketing, que desde 1990 vem insistindo em sua mudança pessoal ("eu mudei!", bradava ele na última eleição para governador), Maluf limpa sua imagem dos fantasmas do passado e, no mesmo movimento, convida os eleitores a mudar. Operam-se até mudanças semânticas: se, por exemplo, no início da década de 80 "malufar" era sinônimo de trapacear ou furto no linguajar do dia-a-dia, agora a palavra ganha conotação positiva. Sem autocensura, sem vergonha.

Mas, se ainda é cedo para afirmar que Maluf mudou, o certo é que o exangue PDS paulista do início dos anos 80 viu recuperar-se nas urnas paulistanas de 92 parcela estratégica de uma força eleitoral que a rigor nunca teve nas grandes cidades do Centro-Sul. Com tal vitória, reinstala-se em posição de liderança no campo da direita nacional, alterando de modo significativo a constelação das forças partidárias com vistas à sucessão no governo federal. Novos bons tempos para o velho e autoritário PDS, ou para um "novo" e democrático PDS, assumidamente de direita dentro do arco constitucional e bom de voto? Emblematicamente, sai reabilitada das urnas até mesmo a denominação "direita", que sempre soou repulsiva neste país⁴.

Sinais seguros dessa recuperação de prestígio foram emitidos pelas urnas de 1990, na eleição para governador do estado. Mais de um terço dos eleitores da cidade de São Paulo (37,9%) conferiram então a Maluf, pela

(2) "Old paint on canvas, as it ages, sometimes becomes transparent. When that happens it is possible, in some pictures, to see the original lines: a tree will show through a woman's dress, a child makes way for a dog, a large boat is no longer on an open sea. That is called *pentimento* because the painter 'repented', changed his mind. Perhaps it would be as well to say that the old conception, replaced by a later choice, is a way of seeing and then seeing again." Hellman, Lilian. *Pentimento*. Bergenfield, NJ: The New American Library, 1974, p. 1.

(3) A diferença de Maluf em relação a Suplicy nos dois turnos de 1992 foi da ordem de 14% dos votos.

(4) Veja-se em epígrafe a este artigo um trecho da entrevista que o deputado federal Delfim Netto (PDS/SP) deu à *Folha de S. Paulo* de 22.11.92, logo após a vitória de Maluf, que trouxe de volta ao foco do noticiário político o PDS e suas lideranças.

primeira vez em sua persistente carreira de candidato perdedor a cargos executivos, se não o posto que pleiteava, ao menos o primeiro lugar nas urnas da capital, convite irresistível a uma próxima candidatura em nível municipal, anúncio certo de vitória. Dito e feito⁵.

Os primeiros sinais de crescimento da aceitação de Maluf entre os paulistanos haviam se manifestado já em 88. Tanto que a derrota para o PT foi inesperada, imprevisível até uma semana antes da eleição. Entretanto, mesmo sendo derrotado pela candidatura esquerdista-nordestina-feminina de Erundina, os ventos na capital começavam a soprar a favor de Maluf, trazendo-lhe, no bojo de um desempenho eleitoral que subia de 19,4% em 86 para 24,4% em 88, o voto — naquela conjuntura, útil — das camadas sociais mais ricas, residentes na chamada área homogênea 1. Na iminência de uma vitória petista, os bairros ricos apressaram-se em tentar eleger Paulo Maluf. Resultado: quanto mais rica a área homogênea, maior a votação malufista. Naquela oportunidade, pôde-se constatar empiricamente, através de *survey* do DataFolha⁶, que o fator responsável por esse deslocamento foi a percepção clara da viabilidade eleitoral da esquerda. Isto é um fato, um dado histórico irrecusável: a escalada eleitoral do PT na cidade de São Paulo revigorou o malufismo ao mesmo tempo que o batia nas urnas.

Era o primeiro ato de um realinhamento de bases eleitorais que a princípio pareceu meramente conjuntural, pois se tratava de algo muito espontâneo e veloz, um surto agudo de conservadorismo ativo ante a disparada petista de última hora. Hoje, olhado em retrospectiva, aparece como uma coligação *desde abaixo* muito bem-sucedida, ainda que feita à beira de um precipício. Essa aliança dos eleitorados de direita em torno do nome de Maluf testou-se mais uma vez em 1990 e, para o âmbito da capital, deu certo. Agora, com a vitória de 92, esse perfil coligado tem tudo para se consolidar como estratégia eleitoral do bloco conservador.

Ao se dilatar na cidade de São Paulo, o perfil do voto malufista mudou. Melhor dizendo, mudou a distribuição desse voto na escala social — expressa pelo gradiente das "áreas homogêneas" do município, que dispõe os bairros numa ordem que vai dos mais ricos e bem equipados de infra-estrutura urbana e de serviços até os mais pobres e periféricos, de piores condições de vida. Mas mudou em relação a quê? Em relação ao padrão de distribuição do voto de direita que se desenhou reiteradamente nos anos 80 em forma de *V* invertido: votação mais baixa nos bairros mais ricos, subindo em direção aos bairros intermediários e aí atingindo seu pico, voltando a descer nos bairros mais pobres e periféricos. Foi esse o perfil do voto janista em 82 e 85. Foi essa a curva do voto malufista na cidade de São Paulo em 86 e 89. O voto conservador era mais forte nos distritos mais próximos das zonas Leste e Norte, em bairros como Tatuapé, Moóca, Alto da Moóca, Belenzinho, Penha de França, Pari, Vila Guilherme, Vila Maria, Santana etc.⁷

O empenho em barrar a subida da esquerda ou mesmo em punir seus aliados eventuais, como aconteceu em 90 com Mário Covas (PSDB) depois que este apoiou Lula (PT) no segundo turno da eleição presidencial de 89,

(5) No primeiro turno de 1990 Maluf chegou a ser ligeiramente mais votado do que em 1992 (2.108.117 votos ou 37,87% em 90; 2.036.776 votos ou 37,27% em 1992).

(6) Alguns resultados desse *survey* foram usados nesta revista, no artigo de Pierucci e Lima citado na nota 1.

(7) Ver a este respeito Pierucci, Antônio Flávio. "A direita mora do outro lado da cidade". *Revista Brasileira de Ciências Sociais* nº 10, junho 1989, pp. 44 - 64.

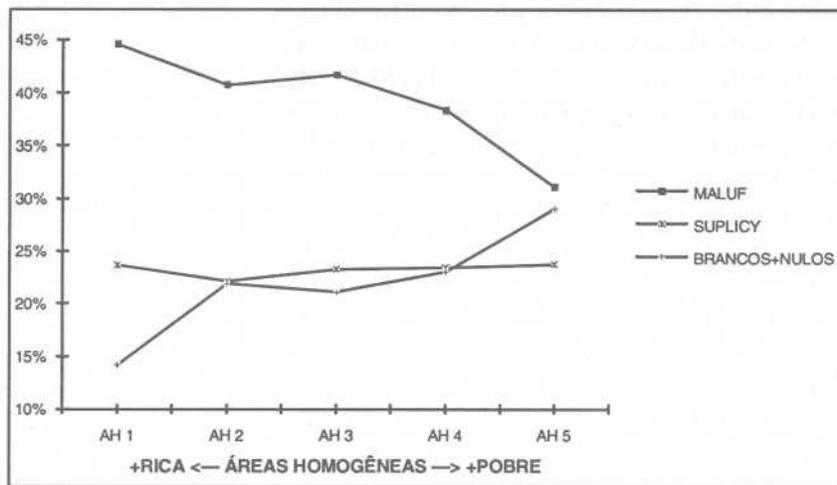


Figura 1. Votação para prefeito de São Paulo, primeiro turno de 1992, segundo áreas homogêneas do município (em % sobre o total de votos). Fonte: Prodam, apurados 95% dos votos.

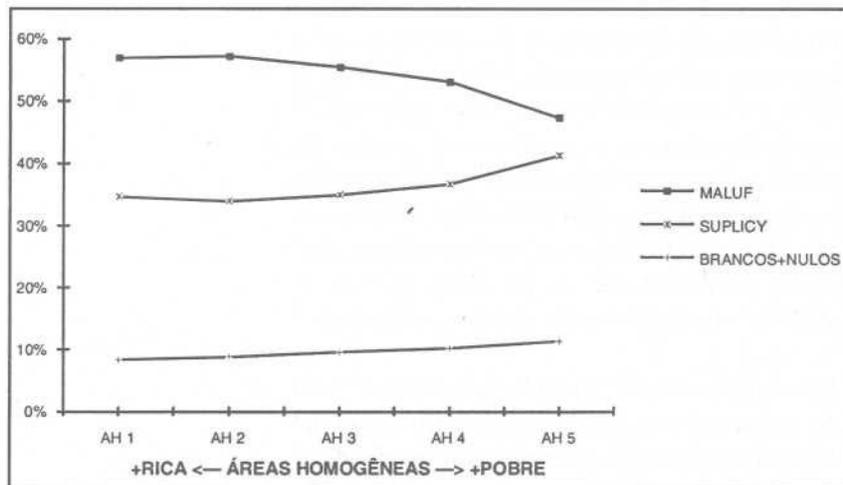


Figura 2. Votação para prefeito de São Paulo, segundo turno de 1992, segundo áreas homogêneas do município (em % sobre o total de votos). Fonte: PT, apurados 98% dos votos.

acabou trazendo de volta para a lista das maiores votações do PDS os bairros burgueses da capital: Jardim Paulista, Jardim Europa, Jardim América, Morumbi, Itaim Bibi, Indianópolis, Ibirapuera, Moema, Campo Belo... Foi assim em 88, em 90 e em 92. A volta do antigo padrão de voto acompanhou a redefinição da estratégia de marketing de Paulo Maluf, sintetizada com perfeição num dos maiores *hits* da última campanha: "a gente não tem nada contra o Suplicy, a gente não quer mais é o PT mandando aqui". Se de um lado já não é mais possível associar o PT a "baderna" e, de outro, o anticomunismo perdeu sua força mobilizadora, é possível contrapor à alegada incapacidade administrativa petista o *slogan* "Maluf faz". Tudo leva a crer que a consolidação do PT como um partido eleitoralmente viável, que nas mais diferentes conjunturas e situações da cena política brasileira, se não chega a ganhar, disputa o segundo turno nos mais diferentes níveis de escolha — até em eleição presidencial —, está deslocando a "normalidade" da curva de distribuição do voto direitista (registrada na São Paulo dos anos 80) e reconduzindo-a ao seu padrão pré-abertura. Ou seja, de volta ao perfil partidário "histórico" da Arena na São Paulo dos anos 70⁸.

Conquanto tenha vencido também na periferia graças aos eleitores mais pobres e menos escolarizados⁹, cabe ressaltar que é nessa área que a direita ainda encontra maiores dificuldades de penetração. Mesmo quando a diferença a favor de Maluf se expande no segundo turno por todos os lados e cantos da cidade, ainda é na periferia que sua votação tem as menores taxas. Assim como o voto malufista permite rever as linhas da Arena dos anos 70, a fidelidade ao (P)MDB continua encontrando sua maior acolhida nos distritos da periferia mais distante, setores tradicionalmente anti-Arena — o "partido dos ricos" na voz do povo, lembram-se? O alto percentual de votos em branco registrado nas áreas mais pobres no primeiro turno sugere que o desgaste crescente do PMDB na capital no decorrer de uma década¹⁰ deixou um certo vazio. Que não foi coberto, nem pela nova imagem de Maluf, nem pelo PT, o qual talvez esperasse que uma administração voltada para a periferia lhe valesse o reconhecimento dos moradores dos bairros mais pobres e carentes. Qual o quê. Muito menos o PSDB leva jeito para substituir a perdida fidelidade peemedebista na periferia, quando o candidato não é Mário Covas, seu único nome de apelo (e com apoio) realmente popular.

Retomando: em 88, 90 e agora em 92, quanto mais ricos e bem equipados os bairros, quanto melhores as condições de vida de cada uma das áreas homogêneas, tanto melhor o desempenho eleitoral de Maluf. Se assim é, vale concluir que, ao contrário do que comumente se ouve por São Paulo, o aumento do voto pró-Maluf em toda a extensão da cidade, em vez de borrar as linhas de classe na distribuição das escolhas eleitorais, está — isto sim — trazendo à tona a velha e boa consistência sociológica do alinhamento eleitoral conservador na capital. Os bairros mais ricos voltam a ser majoritariamente de direita. Quanto mais bem equipado o distrito, maior a votação do PDS. Visto da esquerda, o alinhamento eleitoral por

(8) Ver Lamounier, Bolívar. "O voto em São Paulo, 1970-1978". In: Idem (org). *Voto de descon-fiança. Eleições e mudança política no Brasil: 1970-1979*. Petrópolis: Vozes/Cebrap, 1980, pp. 15-80.

(9) Nas áreas homogêneas 4 e 5 isso fica evidente quando se comparam as taxas de intenção de voto no decorrer da campanha de 92: as curvas de Maluf e Aloysio variam em direções opostas à medida que este último se toma mais conhecido do eleitorado.

(10) O esvaziamento eleitoral do PMDB na cidade de São Paulo chega a ser um espanto: em 1982, o "partido dos pobres" obteve 42,1% dos votos com a candidatura de Franco Montoro; em 85 caiu para 34,2% com Fernando Henrique Cardoso; em 86 desceu para 26,6% com Orestes Quércia; em 88 despencou para 14,2% com João Leiva; recuperou-se um pouquinho com Fleury Filho, que obteve no primeiro turno de 90 apenas 16,5% dos votos da capital; no primeiro turno de 92 a votação do candidato do PMDB, Aloysio Nunes Ferreira, não chegou a um décimo dos votos: 9,8%. Sangria crônica, aparentemente inestancável.

(11) Hellman, Lilian, *op. cit.*, p. 1.

Recebido para publicação em janeiro de 1993.

Antônio Flávio Pierucci é professor do Depto. de Sociologia da FFLCH da USP e secretário-executivo da Anpocs. Marcelo Coutinho é mestrando em sociologia da FFLCH da USP. Já publicaram nesta revista, em co-autoria, "A direita que flutua" (Nº 29).

classe social volta a funcionar, para a direita. Tudo se passa como se o epicentro da direita retornasse ao seu lugar. Como se todas as mudanças políticas e institucionais de uma década trouxessem-na *back to the future*.

Pentimento. "Quando isso acontece é possível, em alguns quadros, ver as linhas originais. [...] Talvez coubesse dizer também que a velha concepção, substituída por uma escolha posterior, é um jeito de ver e, então, ver de novo"¹¹.

Novos Estudos
CEBRAP
Nº 35, março 1993
pp. 94-99
